

Aníbal Barreira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

A Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade da cidade do Porto: a construção do hospital

Resumo

A assistência hospitalar constituía, no domínio da assistência, a principal preocupação das Irmandades e Ordens Terceiras da cidade do Porto do Antigo Regime.

A construção dos hospitais, dependente da generosidade dos dirigentes das instituições e da benemerência pública, arrastou-se ao longo dos tempos.

A edificação do hospital do Terço, que demorou mais de 130 anos, permite-nos compreender os ritmos de evolução da generosidade pública e referenciar os espaços hospitalares de acordo com as práticas sociais e médicas.

Abstract

Hospital assistance was the main concern of the Brotherhoods and Tertiary Orders in Porto during the Ancien Régime.

The building of hospitals, relying on the generosity of the directors of the institutions and on public benevolence, dragged on for many years.

The example of the Hospital do Terço, which took more than 130 years to build, allows us to understand the flows of public generosity and to locate hospital areas according to the social and medical practices of the time.

A assistência hospitalar constituía, no decorrer do Antigo Regime, entre as variadas práticas sociais, o principal anseio das Irmandades e Ordens Terceiras da cidade do Porto. Por todas, di-lo a Ordem Terceira da Trindade “A Mesa actual deseja completar o mais philantropico fim da Ordem – o Estabelecimento d’um Hospital onde seus Irmãos pobres e enfermos encontrem remedio elenitivo a seus padecimentos”¹.

¹ A.O.T.T. (Arquivo da Ordem Terceira da Trindade), *Copiador n.º 2*, pág. 112.

Mas, a construção e a manutenção de um hospital era obra de vulto. Por isso, entre o propósito e a concretização mediou, quase sempre, um longo espaço de tempo. Esta situação comprova-se claramente com o exemplo das instituições acima referidas. A Santa Casa da Misericórdia foi fundada, provavelmente em 1499 mas só em 1521, e neste caso por portaria régia, teve o seu hospital²; a Ordem Terceira de São Francisco foi fundada em 1633, mas somente em 1643 abriu o seu hospital³; o mesmo se passou com a Ordem do Carmo (fundação da instituição em 1736, fundação do hospital em 1801)⁴; com a Ordem da Trindade (fundação em 1755, abertura do hospital em 1853)⁵, com a Irmandade da Lapa (fundação em 1757, hospital em 1904)⁶. De início, na falta de hospital, algumas instituições prestavam assistência domiciliária aos Irmãos enfermos e pobres através de médicos e cirurgiões⁷.

O hospital dos séculos XVI – XIX, o hospital – beneficência, comportava funções bem diferentes do hospital dos nossos dias, ao prestar assistência a doentes, o que era natural, mas também a albergar pobres, assumindo, por isso, uma função social. A clientela hospitalar é, assim, diversa da dos nossos dias – enfermos mas, também, vagabundos, velhos, crianças, indivíduos sem família. Em consequência, é diferente o espaço hospitalar – enfermarias para doentes, asilos para velhos, rodas para expostos, todos eles albergados pelo mesmo tecto.

O hospital dos séculos XVI – XIX, o hospital – beneficência, com a excepção dos hospitais da Misericórdia abertos indistintamente a todos os pobres, tinha um carácter corporativo. Com efeito, os hospitais das Irmandades e das Ordens Terceiras eram, de início, exclusivamente reservados a Irmãos pobres. A mudança, a entrada de particulares que pagavam o internamento, verifica-se ao longo do século XIX, particularmente na sua segunda metade.

O hospital dos séculos XVI – XIX, o hospital – beneficência, tem também o seu corpo clínico, religioso e administrativo peculiar. Alguns médicos, cirurgiões, sangradores, enfermeiros – as especialidade médicas surgem-nos particularmente ao longo da segunda metade do século XIX – muitos capelães, para

² A.H.S.C.M.P. (Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto), *Copiador 1834-1839*, págs. 26 v, 27.

³ A.O.T.S.F. (Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco), *Termos, 1693*, pág. 135 v.

⁴ A.O.T.C. (Arquivo da Ordem Terceira do Carmo), *Livro 1º das Entradas de doentes*, pág. 2, *Livro 1º das Resoluções da Mesa*, pág. 178.

⁵ A.O.T.T. (Arquivo da Ordem Terceira da Trindade), *Lembranças ou História das Épocas*, pág. 1.; *Copiador nº 2*, pág. 183.

⁶ Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Volume Sétimo, pág. 310; Francisco Ribeiro da Silva, *O Hospital da Irmandade da Lapa, 1904-2004*, Porto, 2004, págs. 7, 17.

⁷ A.O.T.S.F., *Termos, 1745-1782*, pág. 161 v; A.O.T.C., *Livro 1º das Resoluções da Mesa*, pág. 138, 1430; A.O.T.T., *Livro 1º de Resoluções de Meza e Junta, 1789-1847*, pág. 125.

cabal cumprimento dos legados deixados às instituições, reduzido número de funcionários administrativos, numa ocasião em que muitas tarefas eram generosamente prestadas pelos membros das Mesas.

O hospital – beneficência, economicamente, dependia da generosidade dos seus dirigentes que, com o seu contributo, equilibravam os minguados orçamentos das instituições, dependia das doações de beneméritos e das esmolas das populações, numa época de viva religiosidade.

A construção dos hospitais, pelas circunstâncias referidas - insuficiência de meios, dependência da dedicação dos membros das Mesas e da benemerência e da caridade públicas - foi naturalmente lenta. A morosidade na construção dos hospitais é, com frequência, acompanhada pela falta de planificação, pelo imprevisto arquitectónico, próprios de instituições preocupadas sobretudo em servir.

Mas, concentremo-nos sobre a construção do hospital de Nossa Senhora do Terço e Caridade, ainda hoje em funções. Procuremos conhecer os momentos fundamentais dessa construção e os meios que teve ao seu dispor.

1. 1754-1781

A Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade foi fundada pelo padre Geraldo Pereira. Em 21/11/1754, este sacerdote comprou ao padre Teobaldo de Lemos Sousa e Távora, pelo preço de 420 000 réis, umas casas com quintal, foreiras à Câmara do Porto, localizadas em Cima de Vila⁸. Neste terreno, tratou de edificar uma Capela, dedicada ao culto de Nossas Senhora do Terço, por quem tinha grande devoção. A construção foi autorizada no ano seguinte e em 3/09/1759 a capela-mor estava em condições de ser benzida. Dias depois – em 5/09/1759 – foi-lhe concedida a autorização para nela rezar missa e demais ofícios divinos⁹. Mas, a Capela estava ainda por concluir como se afirma em 15/04/1767¹⁰. Em 25/05/1756, o padre Geraldo Pereira comprou ainda um pardieiro a Maria Josefa Caetana e filho Francisco José Ribeiro por 200 000 réis, que da rua do Penedo se alongava até à rua de Cimo de Vila¹¹.

A ideia de instituir a Irmandade do Terço remonta no espírito do seu fundador, o padre Geraldo Pereira, pelo menos a 1755¹². Mas esta só veio a concretizar-se por razões que desconhecemos, em 19/10/1766, altura em nela se inscreveram

⁸ A.I.N.S.T.C., (Arquivo da Irmandade da Nossa Senhora do Terço e Caridade), *Títulos da Caridade nº 1*, págs. 2, 10, 10 v, 11, 12, 12 v, 22, 121, 123, 124 v-126 v.

⁹ A.I.N.S.T.C., *Títulos da Caridade nº 1*, págs. 1 v, 127 v, 131, 135 v, 136, 137.

¹⁰ A.I.N.S.T.C., *Títulos da Caridade nº 2*, pág. 152 v.

¹¹ A.I.N.S.T.C., *Títulos da Caridade nº 1*, págs. 60, 113, 239.

¹² A.I.N.S.T.C., *Títulos da Caridade nº 1*, pág. 125 v.

os primeiros Irmãos e se elegeu a primeira Mesa. Pouco depois, morria o padre Geraldo Pereira que legou todos os seus bens à Irmandade do Terço¹³.

As notícias que possuímos sobre o hospital da Irmandade do Terço, no período considerado, são igualmente escassas. As primeiras actas da instituição desapareceram, o mesmo acontecendo com o primeiro livro de entrada de doentes. O hospital foi instalado numas “piquenas casas, que já naquelle tempo possuía a mesma Irmandade”¹⁴, sendo o seu fundador o cónego José Maria de Sousa. Numa pintura de corpo inteiro existente na instituição, ao lado da figura, estão pintados os seguintes dizeres “Joze Maria de Souza Conego Capitular da Santa Se Catedral desta Cidade Cavaleiro da Ordem Christo sendo provedor desta Irmandade foi o primeiro fundador deste hospital e seu benfeitor e deu principio ao curativo em o 1º de Dezembro de 1781”. O Regimento do hospital do Terço data também de 1 de Dezembro de 1781.

Em fontes manuscritas da instituição recolhemos mais algumas informações. Em 26/01/1780, o mestre José Alves recebeu pelo seu trabalho, na construção do hospital, 99 965 réis¹⁵. No ano seguinte, em 13/11/1781, Manuel Joaquim Simões e irmãs Ana Bernardina de Santo Tomás, Engrácia Ana da Madre de Deus e Francisca Rita Simões doaram à Irmandade umas casa térreas que confinavam a nascente com as casas do Doutor Francisco Pereira Machado, a norte com a Viela dos Entrevados e a poente com a mesma Irmandade para que esta continuasse a obra do hospital¹⁶. No ano económico de 1781-1782, a instituição gastou 633 400 réis com as fêrias do pedreiro, ferreiro, carpinteiro, trolha e pintor e com a compra de materiais¹⁷.

2. 1799-1816

Nos anos económicos de 1798-1799 e de 1799-1800, o Cónego José Maria de Sousa foi reeleito provedor da Irmandade do Terço. Resolveu com o concurso de seu irmão e sucessor no cargo o Cónego Francisco de Viterbo e Sousa, alargar as instalações do hospital, para o que ambos doaram à instituição a quantia de 5 120 000 réis¹⁸. Para o efeito, a instituição adquiriu em 1799 uma morada de casas pegadas à Casa do Despacho, que faziam esquina com a Viela dos Entrevados, pelo preço de 690 516 réis, de prazo fateusim perpétuo de que eram senhorios directos a Mitra e o Cabido, ficando a Irmandade a pagar de foro e

¹³ A.I.N.S.T.C., *Títulos de Caridade nº 1*, págs. 26-39 v. *Títulos da Caridade nº 4*, págs. 1, 7 v.

¹⁴ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital, 1799-1815*, pág. 1.

¹⁵ A.I.N.S.T.C., *Recibos, 1770-1826*, pág. 23.

¹⁶ A.I.N.S.T.C., *Títulos da Caridade nº 3*, págs. 241, 242.

¹⁷ A.I.N.S.T.C., *Livro do Secretário*, ano económico de 1781-1782.

¹⁸ A.I.N.S.T.C., *Livro do Secretário*, ano económico de 1799-1800.

A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO TERÇO E CARIDADE DA CIDADE DO PORTO

pensão anual à Mitra duas galinhas e 55 réis em dinheiro e ao Cabido outras duas galinhas e 50 réis em dinheiro¹⁹; em 21/2/1800, uma morada de casas de Gonçalo José Soares, sitas na Viela dos Entrevados, de prazo fateusim perpétuo, pelo valor de 384 560 réis, e que pagavam de pensão anual 2 100 réis em dinheiro corrente e duas galinhas gordas²⁰; em 12/11/1800, duas moradas de casas sobradadas de dois andares a José António de Sousa Varela por 1 800 000 réis, sitas na Viela dos Entrevados, de prazo fateusim, de que era senhorio o Cabido da Sé a quem a Irmandade ficava a pagar a pensão anual de 5 100 réis em dinheiro e duas galinhas/ano²¹; finalmente em 1812, foram compradas as casas de António Caldeira, por 1 208 250 réis²².

As obras tiveram início em 3/08/1799 sob a direcção do mestre pedreiro principal Manuel António Braga²³; o risco era da autoria de Teodoro Maldonado que recebeu pela planta 43 200 réis²⁴. Em 30/03/1811, a instituição pagou

Anos económicos	Gastos, em réis
1799-1800	2 407 600
1800-1801	4 886 262
1801-1802	3 280 302
1802-1803	1 684 835
1803-1804	2 388 720
1804-1805	960 903
1805-1806	1 932 465
1806-1807	1041 161
1807-1808	473 188
1808-1809	398 094
1809-1810	230 155
1810 -1811	1 141 683
1811-1812	166 910
1812-1813	100 620
1813 -1814	1 602 415
1814-1815	2 901 345
1815-1816	219 830
1816-1817	181 505

Quadro das despesas das obras do hospital

Fonte: A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, 1799-1815 (sic).

¹⁹ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, 1799-1815, pág. 1.

²⁰ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, 1799-1815, pág. 17.

²¹ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, 1799-1815, pág. 88.

²² A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, 1799-1815, pág. 243.

²³ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, 1799-1815, pág. 1.

²⁴ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, 1799-1815, pág. 3.

por 3 carros de pedra para as Armas da fachada 3 000 réis²⁵ e, em 28/06/1811, 27 000 réis por 18 carros de telha²⁶. As obras prolongaram-se até 24/02/1816 e custaram à Irmandade 24 477 830 réis, incluindo a compra dos prédios destinados ao alargamento do edifício.

Em reconhecimento do esforço desenvolvido pelos Irmãos Cónegos, a Irmandade mandou lavrar na pedra, por cima da entrada principal, os seguintes dizeres que ainda hoje se podem ler: “Em Honra da Virgem Maria e socorro dos pobres enfermos fundarão e dotarão este hospital os piedosos Irmãos José Maria de Souza e Francisco Viterbo de Souza e esta Irmandade amplia anno MDCCCXV”.

3. 1851-1855

Em 1851, a Irmandade do Terço resolveu ampliar de novo o Hospital. Nos inícios da década de 1850, após um período de crise, cresceu novamente o número de Irmãos entrados na instituição. Assim, aos 7 Irmãos entrados em 1847, aos 18 em 1848, aos 39 em 1849, contrapõem-se os 326 entrados em 1850, os 130 em 1851, os 315 em 1852, os 297 em 1853²⁷.

A Irmandade precisava, naturalmente, de alargar as instalações para receber os Irmãos enfermos e acolher os filhos daqueles que, em idade escolar, pretendiam frequentar as Escolas. Resolveu-se, por isso, aumentar o edifício. O Irmão José Joaquim Pinto da Silva foi encarregado da direcção das obras²⁸. Estas tiveram início no dia 16/10/1851, sendo para o efeito demolidas as casas contíguas à esquina da rua do Cativo²⁹. Mas, a instituição não possuía dinheiro para as obras. Valeu-se por isso, da generosidade dos membros das Mesas, das doações de beneméritos, dos peditórios de rua. O Conde de Ferreira, benemérito muito solicitado na cidade, contribuiu com o pagamento diário de 10 operários e a Mesa com o pagamento de 6³⁰. O provedor e os Irmãos da Mesa emprestaram dinheiro para pagar as férias de um mês de trabalho dos pedreiros³¹. O vice-provedor pagou 7 carros de soallo e forro³², o tesoureiro deu 600 000 réis para as

²⁵ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, fêria nº 420.

²⁶ A.I.N.S.T.C., *Livro das Obras do Hospital*, fêria nº 427.

²⁷ Aníbal Barreira, *A Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade da Cidade do Porto – evolução da entrada de Irmãos (1766-1927)*, *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXVI, Volume 2, Coimbra 2002/2003, págs. 77, 79.

²⁸ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 16 v.

²⁹ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 16 v.

³⁰ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 23 v.

³¹ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 35.

³² A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 33 v.

lérias das obras³³, o tesoureiro Bento Luís Ferreira do Carmo e o vice-provedor Bernardo Gonçalves Mamede emprestaram 720 000 réis para a compra das casas da esquina da rua do Cativo³⁴, o irmão José António da Silva Pinto emprestou o dinheiro para as férias de um mês³⁵. Também o cirurgião do hospital do Terço, António Bernardino de Almeida, pôs à disposição da instituição um conto de réis sem juros, pelo espaço de um ano³⁶.

A população em geral deu também o seu contributo. Envia-se cartas para os habitantes da cidade e das freguesias vizinhas a pedir materiais de construção³⁷. Recorre-se ao dinheiro das subscrições e das caixinhas de esmoladas espalhadas pela cidade³⁸. A Sociedade Dramática de Curiosos, que trabalhava no Teatro de Santa Catarina, realizou um espectáculo a favor das obras³⁹. Mas o dinheiro recolhido era insuficiente. Por isso, perante a ameaça de paralisação dos trabalhos, o Conde de Ferreira resolveu pagar todas as férias aos pedreiros “pelos desejos de ver adiantada a obra pela ocasião da abertura” ao público que, ocorria habitualmente em Julho, pela ocasião das festas da Padroeira⁴⁰; com a mesma intenção, a Irmandade tratou de vender umas casas velhas que possuía na rua da Assunção e da Bainharia, deixadas ficar em testamento pelo padre José Bento de Figueiredo⁴¹. Em 1855, as obras deviam estar adiantadas porquanto, em 17 de Maio desse ano, falava-se em acabar os corredores dos dois andares, portas e janelas, de modo a que tudo estivesse pronto até à data da referida abertura, a ter lugar, no 2º domingo de Julho⁴².

Mas, a planta de Teodoro Maldonado estava ainda por concluir. Por isso, a instituição sempre que podia comprava os prédios que permitissem a concretização do projecto. Em 22/10/1862, a Mesa decidiu comprar a casa do lado sul da Igreja por “estar compreendida no número das que hão de ser expropriadas quando se conclua o risco do nosso edifício”⁴³. Em 1863, dentro da mesma orientação, comprou-se o prédio de Gonçalo Cardoso do lado sul do edifício, de que teve de se prescindir de porta, de modo a alinhar a rua do Cativo⁴⁴.

³³ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 33.

³⁴ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 19.

³⁵ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 36.

³⁶ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, págs. 37 v, 38.

³⁷ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 26 v.

³⁸ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, págs. 26 v, 39.

³⁹ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, págs. 27 v, 34 v.

⁴⁰ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 50.

⁴¹ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 54.

⁴² A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 50.

⁴³ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, pág. 124.

⁴⁴ A.I.N.S.T.C., *Livro dos Termos*, 1851-1867, págs. 132, 134 v, 137 v.

4. 1882-1889

Em 1870, a Irmandade do Terço reconhecia que as instalações hospitalares não eram suficientes para atender ao elevado número de Irmãos que possuía⁴⁵. A situação complicou-se nos anos subsequentes. Com efeito, nos anos de 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876 entraram na instituição respectivamente 106, 89, 102, 166, 174, 132 novos Irmãos⁴⁶.

Mas, acrescentamos nós, a assistência hospitalar tinha também evoluído e exigia outros cómodos. Com efeito, nesse mesmo ano, a instituição apurava que não tinha salas para partos, para consultas, para conferências médicas, para convalescença pós-operatória, que eram insuficientes para Irmãos entrevados, para particulares e desapropriadas as instalações de apoio (cozinha, rouparia, dispensa, quartos de banho, aposentos para o capelão e fiscal)⁴⁷.

Desta forma, tornava-se necessário aumentar o edifício, o que deveria acontecer na frente da rua do Clativo e no lado poente da Igreja. A concretizar-se o projecto, refere a instituição, ficaria então “concluído o edefício do hospital”⁴⁸.

Em 1876, o Definitório autorizou as obras e a compra das propriedades necessárias⁴⁹. Para o efeito, foram adquiridos a Manuel Gonçalves de Oliveira Júnior, pelo preço de 2 200 000 réis o prédio nº 32 e 34 da rua de Cimo de Vila e o prédio nº 36 e 38 da mesma rua a Francisco José da Silva pela quantia de 4 600 000 réis⁵⁰. No ano de 1878, o Arquitecto José Geraldo da Silva Sardenha apresentou as plantas para a continuação do hospital⁵¹. Mas, por falta de dinheiro, as obras só se iniciaram em 1882, pois nesse mesmo ano a Mesa resolveu não abrir pela festa da Padroeira, como era habitual, o hospital ao público “em virtude de se ter dado princípio à continuação das obras da restante parte do edifício”⁵².

O alargamento do hospital, que então correu pela parte sul e poente, só foi possível mais uma vez pelo contributo generoso de mesários e beneméritos. O provedor Delfim de Lima contribuiu com o jornal de um operário por um ano⁵³, a mãe D. Sofia de Lima com um conto de réis e os dois mais o irmão Guilherme com 600 000 réis⁵⁴. Os definidores Elisabeth Cândido Rodrigues Mendes, An-

⁴⁵ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Meza e Definitório*, 1867-1874, págs. 15 v, 19 v.

⁴⁶ Aníbal Barreira, *A Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade da Cidade do Porto – evolução da entrada de Irmãos (1766-1927)*, *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXVI, Volume 2, Coimbra 2002/2003, pág 79.

⁴⁷ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 21 v.

⁴⁸ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 22.

⁴⁹ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 22.

⁵⁰ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 10 v.

⁵¹ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, págs. 43, 46.

⁵² A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 82.

⁵³ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 120.

⁵⁴ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, págs. 3, 10.

tónio Manuel da Costa Maia e Silva e José Fernandes Guimarães Júnior ofereceram respectivamente 100 000 réis, o jornal de um pedreiro, a quantia de 30 000 réis⁵⁵. O Visconde de Barreiros pôs à disposição da instituição 100 000 réis e recomendou uma subscrição de donativos a realizar no Brasil⁵⁶. A Condessa de Azevedo doou por falecimento 300 000 réis⁵⁷ e Domingos José Soares da Silva e Joaquim Moreira Júnior contribuiriam respectivamente com 100 000 e 270 000 réis⁵⁸. De igual modo, foram organizados peditórios pela cidade⁵⁹.

Mas, o dinheiro não chegava e por isso, em 1887, a Mesa, com vista à conclusão do hospital, autorizou a Comissão de Obras a contrair um empréstimo de 12 contos de réis, de acordo com as condições estabelecidas pelo Ministério do Reino em 23/08/1887. Este empréstimo foi alcançado através de uma subscrição pública de obrigações ao juro de 5%, amortizáveis no prazo máximo de 10 anos⁶⁰.

A partir de 1889, a Irmandade do Terço começou a tirar proveito das novas instalações. Com efeito, nesse ano, foram admitidos particulares nas salas do novo edifício do hospital e na enfermaria geral⁶¹. Em 1891, no 1º andar e no rés do chão da rua do Cativo estabeleceu-se a Escola Profissional do Terço, destinada à correcção de jovens⁶². Esta instituição, provisoriamente instalada no edifício do hospital, veio a causar problemas à Irmandade. Os alunos ocupavam muito espaço na Igreja por ocasião das missas e prejudicavam a assistência de fiéis e o rendimento dos peditórios⁶³. Provavelmente perturbariam o sossego do hospital. Em 1892, o Asilo-Escola, como então se chamava, abandonou as instalações cedidas⁶⁴. Os baixos do hospital, voltados para a rua do Cativo, como era usual na época, foram alugados em 1894 a José Augusto Dias por 60 000 réis/ano e a José Ribeiro Freitas, armador, por 50 000 réis/ano⁶⁵.

Uma notícia de 1896 refere-se à autorização dada à Mesa para vender os prédios deixados por falecimento de Manuel Francisco Gomes da Silva e de D. Maria de Jesus Monteiro para com eles amortizar o resto do empréstimo e

⁵⁵ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, págs. 95 v, 97.

⁵⁶ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 95 v.

⁵⁷ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 121 v.

⁵⁸ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, págs. 103 v, 120.

⁵⁹ A.I.N.S.T.C., *Livro das Actas da Irmandade*, 1874-1886, pág. 95 v.

⁶⁰ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, págs. 10 v, 11, 12.

⁶¹ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, págs. 20 v.

⁶² A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, págs. 33, 34.

⁶³ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, pág. 45 v.

⁶⁴ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, pág. 47 v.

⁶⁵ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, págs. 68 v, 73.

acabar a parte do edifício que estava por concluir do lado da rua do Cativo⁶⁶. Em 19/08/1899, foi nomeada uma comissão destinada a estudar a planta do edifício por terminar e propor as modificações julgadas mais adequadas⁶⁷.

Pelos vistos, a planta do edifício estava ainda por concluir, mas nas suas linhas gerais, pensamos que, por esta altura, o edifício do hospital do Terço adquirira a fisionomia dos nossos dias. A construção do hospital do Terço decorreu ao longo de mais de 130 anos. Como hospital – beneficência, preocupado com a assistência na doença mas também com a assistência social dos Irmãos, dependeu na morosidade da construção da generosidade dos mesários, dos beneméritos e da caridade pública. Esta generosidade, em declínio na parte final do período que estudamos, conheceu, ao longo do mesmo, uma significativa evolução.

⁶⁶ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1886-1897, pág 123 v.

⁶⁷ A.I.N.S.T.C., *Actas das Sessões da Meza*, 1898-1910, pág. 31.